

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS
BACHARELADO EM TEOLOGIA

ALEXSANDRE SILVA DE MENEZES JÚNIOR

UM OLHAR DA TEOLOGIA SOBRE UMA ECOLOGIA INTEGRAL

ANÁPOLIS-GO

2021

ALEXSANDRE SILVA DE MENEZES JÚNIOR

UM OLHAR DA TEOLOGIA SOBRE UMA ECOLOGIA INTEGRAL

Monografia de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade Católica de Anápolis-GO, como requisito essencial para obtenção do título de Bacharel em Teologia, sob orientação do Prof. Pe. Carlito Bernardes de Oliveira Junior.

ANÁPOLIS-GO

2021

ALEXSANDRE SILVA DE MENEZES JÚNIOR

UM OLHAR DA TEOLOGIA SOBRE UMA ECOLOGIA INTEGRAL

Monografia de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade Católica de Anápolis-GO, como requisito essencial para obtenção do título de Bacharel em Teologia, sob orientação do Prof. Pe. Carlito Bernardes de Oliveira Junior.

Prof. Pe. Carlito Bernardes de Oliveira Junior

Prof.

Nota: _____

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA:

(Nome completo, titulação e instituição a que pertence)

(Nome completo, titulação e instituição a que pertence)

(Nome completo, titulação e instituição a que pertence)

FICHA CATALOGRÁFICA

Dedico este trabalho a todos os que buscam uma vida virtuosa, bem como aos homens que, no exercício da virtude, anseiam por fazer e anunciar o Reino de Cristo para que Ele triunfe sobre a face da terra.

AGRADECIMENTOS

A primazia do meu agradecimento está dirigida a Deus, pelo dom da vida, pela fé pelo auxílio necessário que não me faltou para chegar até aqui. Muitas foram as evidências de que é Ele o Senhor da vida e da história, e não me faltou nos momentos de luta a sua presença divina.

Estendo esses agradecimentos aos meus familiares, em especial, aos meus pais e a minha irmã. Com incentivo e amor, me compreenderam nas horas de estudo silencioso e ausência em muitos momentos. Além de tudo, ao chegar até aqui, posso evidenciar que meus pais merecem mais do que eu esta alegria por terem investido em meus estudos.

Louvo ao Senhor Deus pelo dom da fé, aprendida desde a minha mais terna infância, como meus pais e meus avós. Todas as manhãs, minha avó nos ensinava a orar e nos abençoava antes de sairmos para a escola. Estou certo de que estas bênçãos me acompanham até hoje nos meus dias e, principalmente, em meus estudos.

Gostaria de agradecer com filial afeto à Santa Igreja Católica, na qual quero estar sempre unido e fiel a sua doutrina e ao magistério. Em especial, destaco os sacerdotes que me ajudaram nesses últimos tempos. Certamente, não seria possível citar a todos, mas gostaria de destacar alguns que me ajudaram nessas pesquisas: Mons. Padre Lúcio Zorzi, um sacerdote das periferias do Rio de Janeiro, e sacerdote Fidei Donum, meu grande pai e amigo que me ensinou a encontrar a Deus no desabrochar de uma flor, na ave que levanta voo ou em uma criança que a mãe acalenta; Este padre me ensinou o que significa uma Igreja Discípula-Missionária.

Dirijo, ainda, os meus agradecimentos ao Monsenhor José Mazine Rodrigues, sacerdote apaixonado pelo seu ministério, que me acolheu em um dos momentos mais duros de minha vocação e não me deixou desistir. E, ainda recordo o Pe. Frei Evélio de Jesús Muñoz (Ordem dos Mínimos) que sempre foi um amigo de todas as horas, com boas reflexões e uma maneira peculiar de agir e ver a vida. De igual maneira, agradeço a toda Diocese de Itaguaí, esta porção do povo de Deus que me ajudou muito na minha caminhada, bem como dos seus respectivos pastores, os párocos e lideranças leigas com as quais tive o prazer de trabalhar.

Minha saudosa memória ao Padre Francesco Montemezzo (*In memoriam*) que, para mim, foi verdadeiramente a expressão do amor de Deus.

Aos meus catequistas, dirijo um afetuoso agradecimento por todo o amor que dedicaram para fundamentar a minha fé e me ensinar a ser um autêntico cristão.

Um católico não pode dar bons frutos se não está plantado em uma terra boa, esta terra se chama comunidade. Sabendo desta premissa, reforço os meus agradecimentos a Paróquia do Discípulo Amado, São João Evangelista no Rio da Prata de Campo Grande, local onde fui inserido na vida Cristã, atuando como coroinha, turmista e catequista. Nesta paróquia tive como célula a Comunidade São Francisco de Assis, onde aprendi a viver e ser Igreja como nos pede o Concílio Vaticano II, e a viver de tal forma que como disseram as primeiras comunidades, possam dizer de nós, “vede como se amam” (Atos dos apóstolos, cap. 2)

E não posso esquecer-me das comunidades onde trabalhei e fui acolhido, trago com admiração e carinho a cada uma em meu coração, sabendo que Deus os há de retribuir tanto bem que fizeram a minha vida e na minha formação.

Por fim, mas não com menos importância, gostaria de agradecer aos meus célebres professores da Universidade Católica, em especial, àqueles com quem tenho tido contato nos últimos meses. A estes, redobro meus agradecimentos e admiração.

“Portanto a criação, matéria estruturada de modo inteligente por Deus, está confiada à responsabilidade do homem, que é capaz de a interpretar e de a voltar a modelar ativamente, sem se considerar seu senhor absoluto. Ao contrário, o homem é chamado a exercer um governo responsável para a conservar, fazer frutificar e cultivar, encontrando os recursos necessários para uma existência digna de todos”.

Bento XV

RESUMO

As linhas que se seguem têm por objetivo salientar quanto à importância de uma visão comum da ecologia integral. A visão ecológica não é politizada que favorece à luta de classes ou a um poder centralizador, quase que ditatorial. Esta é, antes de tudo, uma visão cristã e comunitária comum a todas as pessoas, homens e mulheres de boa vontade que, independentemente de seus ideais, buscam a dignidade da vida do planeta. É de se comprazer que a visão de preservação cumpre seu papel quando se faz defensora da vida humana em todos os seus estágios. Esta, por sua vez, desdobra no cuidado com a casa comum, ou seja, um cuidado com o espaço e com o cotidiano. Ao usar-se das tecnologias desenvolvidas e descobertas pelo homem, automaticamente, desenvolve-se, ainda mais, a ideia de um meio ambiente seguro que prioriza os pequenos e, talvez, grandes gestos de conscientização e de progresso. Por meio de iniciativas que propiciem uma harmoniosa convivência entre todos os seres que habitam nossa terra, será possível favorecer, assim, os espaços em que a vida se desenvolve e se manifesta a beleza do Criador.

Palavras-chave: Teologia; Ecologia; Igreja.

ABSTRACT

The lines that follow are intended to emphasize the importance of a common vision of integral ecology. The ecological vision is not a politicized vision that favors class struggle or a centralizing, almost dictatorial power. This is, above all, a Christian and community vision common to all people, men and women of good will who, regardless of their ideals, seek the dignity of life on the planet. It is pleasing that the preservation vision fulfills its role when it makes itself the defender of human life at all its stages. This, in turn, unfolds in the care for the Common House, which is, care for space and everyday life. By using technologies developed and discovered by man, automatically, the idea of a safe environment that prioritizes the small and, perhaps, large gestures of awareness and progress, is developed even further. Through initiatives that provide a harmonious coexistence between all beings that inhabit our earth, it will be possible to favor, in this way, the spaces in which life develops and the beauty of the Creator is manifested.

Keywords:Theology; Ecology; Church.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1FUNDAMENTOS DA ÉTICA DAS VIRTUDES	13
2A DIFERENCIAÇÃO DAS VIRTUDES MORAIS E INTELECTIVAS.....	16
3O PROBLEMA DA RELATIVIZAÇÃO.....	20
4 O HOMEM COMO PRINCÍPIO DE INTEGRALIDADE	23
CONSIDERAÇÕES FINAIS	28
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	29

INTRODUÇÃO

Desde o início do pontificado do Papa Francisco, em março de 2013, este chama a atenção para alguns problemas muito significativos que, apesar de terem sido tratados por muitos padres e teólogos, poucos deram tanto destaque como o mesmo tem feito. Nesse contexto, torna-se possível afirmar que o Papa Francisco tenta despertar os cristãos e os homens do mundo inteiro para uma visão que aponta a destruição e a irresponsabilidade para com o planeta.

Assim, destaca-se a responsabilidade da qual tem chamado a atenção da Igreja nestes últimos tempos ao proporcionar às pessoas um olhar diferenciado para a ecologia, não no sentido simplório da palavra, mas sim, indo à profundidade de seu sentido etimológico. A raiz grega usada para descrever ecologia corresponde aos dois termos: *οικος* e *λογος*. Sem prejuízo, podem ser traduzidos por “estudo da casa” ou “a sabedoria da casa”.

Ao passo em que o magistério se volta a uma questão específica, deve-se olhar este tema com atenção, meditar e buscar, de alguma forma, conhecer e *sentire cum ecclesia*, quer dizer, “sentir com a Igreja”. Além disso, é preciso fazer com que o coração bata junto com o da Mãe-Igreja para que, dessa forma, torne-se possível a união das pessoas as suas propostas e aos ensinamentos.

Entretanto, observa-se que alguns fiéis protestam acerca da Igreja inserida no campo da ecologia e, até mesmo, na preocupação com o meio ambiente por meio de uma perspectiva pobre de que esta não seja a visão de Igreja desejada pelo Nosso Senhor. Nesse contexto, entende-se que a Igreja, desde os primórdios do cristianismo, esteve muito à frente das questões de seu tempo, como promotora da vida, dos direitos e voz profética para o mundo e homens de todos os tempos.

Ao voltarmos a alguns pontificados anteriores, como o do Papa Leão XIII, enxerga-se, claramente, a intenção do pontífice em denunciar, em seu tempo, um novo caminho banhado de desigualdades que surgiriam com o crescimento e o progresso desenfreado. Tal foi a sua preocupação que o Papa escreveu uma das primeiras encíclicas sociais: *Rerum Novarum*, tratando-se da preocupação com a vida dos operários e com as classes inferiores.

Sabe-se que a Igreja e as lideranças eclesiásticas jamais foram contra o progresso, pelo contrário, sempre foram incentivadoras e pioneiras no desenvolvimento social. Entretanto, constantemente, presando por um progresso responsável em que todos são contemplados e as dificuldades minimizadas, afinal, muitas dificuldades surgem e cabe ao homem dar respostas coerentes a todos os tempos.

Por conseguinte, dentre outros aspectos, torna-se possível refletir: o tema da ecologia integral é uma questão também a se preocupar atualmente? O ser humano pode ser apontado como principal responsável pela degradação da casa comum?

Os temas mencionados serão descritos posteriormente, juntamente à luz do magistério e da teologia moral, unindo, assim, questões essenciais para a meditação e conhecimento daqueles que acreditam em um pensamento ecológico integral. Em outras palavras, é necessário juntar as capacidades para formar uma união entre a fé professada e uma atitude social autêntica que conscientize sobre uma perspectiva que faça com que o homem seja valorizado a partir do seu ambiente.

Além disso, torna-se essencial, também, prover uma visão autêntica e coerente de uma teologia que se insere na realidade pastoral e seja capaz de desenvolver uma conscientização da importância da manutenção dos recursos naturais. Isso teria a finalidade de uma educação ambiental permeada pela responsabilidade cristã para dar aos povos uma sobrevivência digna e coragem para repetir o que nos diz o Livro dos Salmos: “Do trabalho de tuas mãos há de viver, serás feliz, tudo irá bem”(Salmo 127, 2).

Não se trata, porém, de um antropocentrismo ou de uma visão de um “endeusamento da natureza”. Contudo, o que se pode levantar é a relação de uma administração responsável dos bens dados pelo Criador. Como escreveu João Paulo II em sua carta encíclica *Centesimus annus* (1991):

Não só a terra foi dada por Deus ao homem, que a deve usar respeitando a intenção originária de bem, segundo o qual lhe foi entregue; mas o homem é doado a si mesmo por Deus, devendo por isso respeitar a estrutura natural e moral de que foi dotado. (JOÃO PAULO II, 1991).

Ou seja, em se tratando da coparticipação do homem com o Criador, esta pode ser percebida por meio da tarefa de cuidar do ambiente em que se vive que, conseqüentemente, será habitado pelas futuras gerações. Assim, o principal intuito é o de expor desde a visão teológica da ecologia integral a partir do *Catecismos* da Igreja Católica, passando pelos documentos do Concílio Vaticano II até os últimos deste pontificado.

1A ECOLOGIA E ECLESIOLOGIA

De acordo com o pensamento de determinados grupos, não era papel da Igreja a ocupação com coisas referentes ao planeta terra, bem como de seus recursos naturais, uma vez que tudo é passageiro e efêmero. Sendo assim, a Igreja deveria ocupar-se somente da salvação da alma. Porém, percebe-se que esta visão está em sua totalidade ultrapassada e, inclusive, completamente equivocada.

A Igreja Católica Romana, desde o seu início, entendeu o papel do cristianismo na sociedade – tal fato que começou em Jerusalém, Roma e se estendeu pelo mundo. Os cristãos têm o dever de serem o que o Cristo pediu: “Sal da terra” (Mateus 5,13), “Luz do mundo” (João 8, 12), e “Fermento no meio da massa” (Mateus 13,33). O que, em outras palavras, quer dizer que o cristão possui em sua essência uma obrigação social.

Tal fato mencionado chama a atenção no documento conciliar *Lumen Gentium*, número 36:

Por consequência, devem os fiéis conhecer a natureza íntima e o valor de todas as criaturas, ajudando-se uns aos outros, mesmo através das atividades propriamente temporais, para que assim o mundo seja penetrado do espírito de Cristo e, na justiça, na caridade e na paz, atinja mais eficazmente o seu fim. (CONSTITUIÇÃO DOGMÁTICA LUMEN GENTIUM, 1997, nº 36)

Dessa forma, pode-se afirmar que há uma participação eclesial e, ainda mais, uma participação comunitária para que todos os membros da Igreja sejam construtores de um mundo habitável.

Na perspectiva atual da Igreja, percebeu-se que as atenções dos pontífices voltaram para o tema da corresponsabilidade com o mundo, em que os cristãos são vistos como promotores da vida no planeta. No Início da Constituição *Gaudium et Spes*, o Vaticano II salienta, já nas primeiras linhas, que o problema do mundo atual deve ser a angústia dos discípulos de Cristo. E, sabe-se que o discipulado hoje é dever de todos os que foram atraídos por sua palavra e pessoa.

Ainda no documento citado, percebeu-se que foi reforçada a missão do discipulado que, por sua vez, perpassa pelos clérigos, religiosos e se dirige, agora, a todos os leigos: “Os leigos, que devem tomar parte ativa em toda a vida da Igreja, não devem apenas impregnar o mundo com o espírito cristão, mas são também chamados a serem testemunhas de Cristo, em todas as circunstâncias, no seio da comunidade humana”. (*Gaudium et spes*, número 43, Paulus, São Paulo 1997)

Esta “testemunhança” que cita o documento deve ser em todas as circunstâncias. Nesse contexto, há uma intervenção no pensamento, uma advertência séria de que o homem é chamado a olhar os diversos campos ao contrário de se fechar em uma visão teológica que somente se importe com as questões doutrinárias.

O anúncio do Evangelho deve fazer olhar para todos os rincões do mundo. Dessa forma, será possível obter uma participação que leve estas áreas a uma transformação a luz da mensagem de Cristo. Quando tal fato não acontece, o cristianismo não se encarna nos campos sociais, mas sim, cria-se uma “atrofia social”, pois a missão cristã é atuar nos diversos campos sociais para elevá-los e proporcionar uma revolução a luz da fé e da razão (*fides et ratio*).

Na disciplina denominada por teologia moral, constata-se que há um delito de omissão para aqueles que não veem a ecologia e a vida do planeta como algo importante.

As dificuldades, sempre mais pesadas, vividas hoje em relação homem ambiente, tiveram como lado positivo a redescoberta do ambiente como realidade e como problema que se ocupar, o desenvolvimento de pedido de conhecimentos, de tecnologia e normas para sua programação e gestão mais eficazes e, nos últimos anos, a tomada de consciência da necessidade de nova ética ambiental, isto é, de normas mais realistas, para comportamento mais responsável para como o próprio ambiente. (COMPAGNONI, Francesco, 1998, p. 277).

Assim, não se podem fechar as questões ambientais, nem tão pouco apresentar indiferença ao apelo do mundo. Deve-se, portanto, cuidar e preservar os recursos naturais fazendo com que o mundo seja um lugar habitável, onde todos os homens se unam para formar um elo de unidade, justiça e paz, como ensina, uma vez mais, o Concílio Vaticano II.

Ao constatar a preocupação do sagrado concílio em relação à criação, observa-se que o Catecismo Católico (1999, nº 226, p. 69), revisado por João Paulo II, também perpassa pelo tema da criação ao tratar do significado das coisas criadas: “Significa usar corretamente as coisas criadas. A fé no Deus único nos leva a usar tudo o que não é Ele, na medida em que isso nos aproxima dele”.

Há, imprescindivelmente, uma visão saudável de mundo por parte dos membros da Igreja – o que não pode jamais ser desconsiderado. De fato, como já citamos desde a mais alta hierarquia até o último dos leigos, todos participam do compromisso de zelar pela casa comum. Este termo começa a aparecer nos últimos tempos e pode ser entendido por um termo contemporâneo, de um papado atualíssimo, mas que tem uma gama enorme de conhecimento e de ensino para as últimas gerações tão descomprometidas com coisas essenciais.

Se não mudarem as tendências atuais, continuará a deteriorar-se a relação do homem com a natureza pela exploração irracional de seus recursos e a contaminação do ambiente, com o aumento de graves prejuízos para o homem e para o equilíbrio ecológico. (CONSELHO EPISCOPAL LATINO AMERICANO, 2007, p. 117)

A contemporaneidade desgovernou-se na busca por novos projetos e soluções e esqueceu-se de uma ação concreta que viabilize uma atitude de continuidade. Em outras palavras, a necessidade de um plano mundial e, ao mesmo tempo, individual, usando de meios que sejam acessivos e perdurem.

Há muitas ações de preservação ambiental, como as “Organizações Não-Governamentais”, mas estas, infelizmente, estão ligadas a uma região ou a um serviço específico. Estes serviços são louváveis e importantes para as manutenções ao passo em que preservam e viabilizam alguns processos de educação de membros locais. Contudo, o compromisso deve ser abraçado por todos.

De forma geral, vive-se em uma época em que o homem se desenvolve a partir de sua responsabilidade e interação cultural. Estas, por sua vez, favorecem um novo humanismo, emanado por uma posição que alguns não aceitam ou não querem assumir com coerência e determinação.

A Igreja Católica entendeu que o tratado da ecologia é tão importante, como já mencionado, que tem sido grande pauta para os tempos atuais e faz com que os povos se voltem a este assunto frequentemente. Tal fator contribui positivamente e motiva os responsáveis pelo progresso a que se debrucem no tema para, dessa forma, proporcionar uma direção ao mundo.

2 A VISÃO PROFÉTICA

Em todos os tempos, quando a humanidade cai ou perde a perspectiva de uma direção adequada e se rebela contra a criação ou contra o Criador, homens são chamados por uma ação divina para exercer a profecia. Dessa forma, os errantes se convertem ou voltam e endireitam seus caminhos.

A função do profeta não é de ser mero oráculo ou adivinha, interpretando e comunicando sinais. Todavia, é função fundamental do profeta apontar e denunciar os caminhos tortuosos e clamar aos homens que se voltem e convertam os seus caminhos. Os tempos atuais urgem que se levantem profetas, homens e mulheres que, movidos por uma ação divina sejam capazes de denunciar, se preciso com a vida, as injustiças e as incoerências contra os marginalizados e com os indefesos.

Para isso, basta refletir sobre o prelado emérito de São Félix do Araguaia-MT, o memorável Dom Pedro Casaldáliga. Longe de se julgar sua posição ideológica, é necessário ver o seu testemunho de incansável luta para a manutenção dos recursos naturais, salvaguardando a vida e a cultura das populações locais que, conseqüentemente, garantiam direitos básicos e elevavam as condições de vida destes povos, instruindo-os a preservação de bens naturais e civilizatórios.

Ademais, tem-se também grandes exemplos de mulheres profetas de nosso tempo a favor da ecologia e da dignidade. Nesse contexto, pode-se citar como exemplo a missionária Irmã Dorothy Stang, assassinada em Anapú-PA por lutar por condição de vida digna, preservação da natureza e dos recursos sustentáveis.

Esses e muitos outros profetas são suscitados para um tempo que exige uma denúncia do pecado de indiferentismo a criação. O homem moderno torna relativo a criação porque, primeiro, abandonou o Criador, deixou de contemplá-lo e já não se importa mais em se comunicar com Ele.

Com o intuito de atender tais expectativas, o Papa Francisco, um profeta da atualidade, que, no início de seu ministério pastoral, presenteia o mundo com uma das cartas mais belas em se tratando do tema da ecologia, com o título de *Laudato si*, ou, em tradução, “Louvado sejas meu Senhor”. Nesta obra, o autor repete o que o santo pobre de Assis, São Francisco, teria dito, há mais de setecentos anos, quando compôs o famoso “Cântico das criaturas”.

Este santo entendeu a beleza da criação como expressão e forma do amor generoso de Deus que, desde os primórdios, pensou no homem com particularidade. Ao esconder-se no

verde das matas, manifesta seu poder no canto das aves e o espalha nos pequenos atos da natureza.

Além disso, ao observar a espiritualidade como a dos franciscanos, a das clarissas, entre outros, percebe-se que Jesus viveu isso. Isto é, ao pregar, comparava o Reino com fatos do cotidiano e do meio ambiente em que aqueles homens estavam inseridos.

O Reino dos céus é ainda como uma rede que é lançada ao mar e apanha toda sorte de peixes. Quando está cheia, os pescadores a puxam para a praia. Então assentam-se e juntam os peixes bons em cestos, mas jogam fora os ruins. (Mateus 13, 47-49).

Ou, ainda:

O Reino dos céus é semelhante a um grão de mostarda que um homem, pegando dele, semeou no seu campo; o qual é realmente a menor de todas as sementes; mas, crescendo, é a maior das plantas e faz-se uma árvore, de sorte que vêm as aves do céu e se aninham nos seus ramos. (Mateus 13, 31-33)

Certamente, estes maravilhosos pronunciamentos foram uma releitura do texto sagrado do início da escritura em Deuteronômio, 8:

Porque o Senhor teu Deus te pôe numa boa terra, terra de ribeiros de águas, de fontes, e de mananciais, que saem dos vales e das montanhas; Terra de trigo e cevada, e de vides e figueiras, e romeiras; terra de oliveiras, de azeite e mel. Terra em que comerás o pão sem escassez, e nada te faltará nela; terra cujas pedras são ferro, e de cujos montes tu cavarás o cobre. Quando, pois, tiveres comido, e fores farto, louvarás ao Senhor teu Deus pela boa terra que te deu. (DT, 8, 7-1)

No fragmento acima, evidencia-se um dos textos mais significativos do antigo testamento que trata do papel do homem no domínio da terra. Por outro lado, vemos a bondade de um Deus Criador capaz de dar ao homem recursos para que este pudesse desenvolver a terra. Eis que acrescentou o Senhor Deus: “Eis que vos dou todas as plantas que nascem por toda a terra e produzem sementes, e todas as árvores que dão frutos com sementes: esse será o vosso alimento!” (Gênesis 1,29).

Desta forma, constata-se que é parte do homem dominar, cuidar e usufruir simultaneamente a função de preservar e zelar para que este presente recebido gratuitamente não se esgote. Além disso, a preservação torna-se necessária também para que outras gerações

sejam privadas desses recursos tão importantes por irresponsabilidade ou egoísmo devastador de outros que não souberam preservar.

Sem dúvidas, o Papa Francisco retornou, muitas vezes, a estes textos para compor a *Laudato si*. Em um dos trechos, salienta:

Esta responsabilidade perante uma terra que é de Deus implica que o ser humano, dotado de inteligência, respeite as leis da natureza e os delicados equilíbrios entre os seres deste mundo, porque conseqüentemente, a legislação bíblica detém-se a propor ao ser humano várias normas relativas não só às outras pessoas, mas também aos restantes seres vivos: “Se vires o jumento do teu irmão ou o seu boi caídos no caminho, não te desvies deles, mas ajuda-os a levantarem-se. (...) Se encontrares no caminho, em cima de uma árvore ou no chão, um ninho de pássaros com filhotes, ou ovos cobertos pela mãe, não apanharás a mãe com a ninhada” (Dt 22, 4.6). Assim nos damos conta de que a Bíblia não dá lugar a um antropocentrismo despótico, que se desinteressa das outras criaturas. (LAUDATO SI, 2015, nº 68, p. 56)

Em continuidade com o pensamento citado, pode-se evocar as palavras de um Santo de nossos dias: o memorável São João Paulo II. Conhecido por ser um amante da natureza, muitas vezes, ia esquiar, subindo montes e montanhas paraficar horas meditando e encantando-se com coisas simples como o pôr do sol.

O Papa Wojtyla, como também era conhecido, possuía uma sensibilidade especial para tratar a natureza, era um apaixonado pelas artes e um dos maiores conscientizadores de uma educação que explorasse recursos que integrasse valores.

‘Cultivar’ quer dizer lavrar ou trabalhar um terreno, ‘guardar’ significa proteger, cuidar, preservar, velar. Cada comunidade pode tomar da bondade da terra aquilo de que necessita para a sua sobrevivência, mas tem também o dever de a proteger e garantir a continuidade da sua fertilidade para as gerações futuras. (PAPA JOÃO PAULO II, nº 67, 1990, p. 56)

Novamente, constata-se acima a ideia de uma “garantia de continuidade”, como diz o Papa – termo que ainda não foi explorado o suficientemente. Garantir significa proteger, zelar, cuidar e, sobretudo, comprometer. Dessa forma, somente será possível conseguir cumprir o papel de garantia se, verdadeiramente, houver comprometimento com a função de empregar os esforços para abraçar a causa de uma ecologia que, em primeiro, é reconhecida como importante e, posteriormente, reconhecida como casa comum.

Há uma discrepância entre preocupar-se e defender ou cuidar. Alguns indivíduos têm certa preocupação, se importam, de verdade, com o tema da degradação dos meios naturais e veem nisso uma nobreza, porém, caem em uma relativização efetiva. Em outras palavras,

pode-se afirmar que, na hora de agir com responsabilidade diante de tal problemática, alguns indivíduos acovardam e temem chegar a uma defesa partidária. O que se destaca como ideia central desta reflexão é que é dever moral o cuidado com o planeta, com seus recursos hidrográficos, sua fauna e flora.

30 PROBLEMA DA RELATIVIZAÇÃO

A Criação “*geme como em dores de parto*” (Rom 8, 22) aponta São Paulo e, por conseguinte, pode-se dizer que esta visão está extremamente acertada quando referida ao cuidado com os recursos naturais. Ao destruir o ambiente em que se vive, automaticamente, há negligência da vida, do dom gratuito e perfeito do Criador, e a desvalorização, assim, de sua obra criadora.

Atualmente, observa-se a quantidade de recursos naturais sendo desconsiderados e, inclusive, negligenciados. De outro modo, torna-se muito fácil esgotar as fontes de sustento e adentrar a uma política pública que favoreça uns e desfavoreça grande maioria populacional, esgotando, desta parcela, os recursos naturais. É preciso uma ação conjunta de enfrentamento:

A cultura ecológica não se pode reduzir a uma série de respostas urgentes e parciais para os problemas que vão surgindo à volta da degradação ambiental, do esgotamento das reservas naturais e da poluição. Deveria ser um olhar diferente, um pensamento, uma política, um programa educativo, um estilo de vida e uma espiritualidade que oponham resistência ao avanço do paradigma tecnocrático. Caso contrário, até as melhores iniciativas ecologistas podem acabar bloqueadas na mesma lógica globalizada. Buscar apenas um remédio técnico para cada problema ambiental que aparece, é isolar coisas que, na realidade, estão interligadas e esconder os problemas verdadeiros e mais profundos do sistema mundial. (LAUDATO SI, nº 111, 2015, p. 92).

Assim, constata-se o dever de orquestrar um uníssono movimento de políticas que favoreçam o cuidado com a casa comum.

Há, nos dias atuais, a preocupação com o futuro da humanidade e o questionamento de como será a manutenção da vida daqui a alguns anos no planeta terra. Contudo, a questão deve ser preventiva e, simultaneamente, precisa-se tomar a consciência e refletir sobre outra pergunta: como o ser humano tem vivido e cuidado da grande casa comum?

Um dos grandes problemas atuais está na relativização das coisas que exercem pouco impacto entre os homens, ou coisas que fogem de uma resposta imediata. Em outras palavras, se começar a poluição de um córrego, ou o desmatamento de árvores, aparentemente, o impacto físico não seria imediato, ainda que os impactos espirituais e morais fossem imediatos. Cortar uma árvore não caracteriza pecado ou infração grave à moralidade cristã, mas há um peso moral sobre tais atos. A isto, pretende-se referir no presente trabalho.

Ao deixar que um rio ou um mar seja poluído por indiferença em optar por um descarte responsável, ou ao lançar, conscientemente, dejetos poluentes no meio ambiente, de forma

que interferira na vida, na fauna e na flora local, estará incorrendo em uma falta grave e pecado de indiferença em relação ao lugar que o outro ocupa.

Quando há relativizaçãodos seres criados por Deus, há, conseqüentemente, relativização da inteligência Criadora que os pensou.Dessa forma, dá-se ao Criador um atestado de idealizador desocupado que, ao invés de fazer coisas que se tem valia, se ocupa em fazer coisas desnecessárias que são altamente dispensáveis. Este, no que lhe concerne, é um pensamento anticristão e, fora da inteligência humana, mais se assemelha a ação dos inimigos de Deus e de seus infernais ministros.

A missão da Igreja é fazer entender quando denuncia as degradações naturais como um pecado social, em que alguns homens se portam com uma atitude indiferente e relativista. Diante de tal conjuntura, vive-se como o antigo povo de Israel (Êxodo 16) que, ao receber do Céu o sustento, o maná e as codornizes,blasfemava por achar que aquele alimento não era o bastante e que Deus era indiferente a eles quando, na verdade, eles eram indiferentes e murmuradores contra Deus.

Ao adentrar o tema de ecologia em uma sociedade antropocêntrica, a Igreja, juntamente com seus ministros, está dando ao mundo um testemunho de amor a Deus e de valorização de sua obra.Tanto é esta a preocupação da Igreja que a V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e Caribenho se pronunciou:

A criação também é manifestação do amor providente de Deus; foi-nos entregue para que cuidemos dela e a transformemos em fonte de vida digna para todos. Ainda que hoje se tenha generalizado uma maior valorização da natureza, percebemos claramente de quantas maneiras o homem ameaça e inclusive destrói seu 'habitat'. "Nossa irmã a mãe terra" é nossa casa comum e o lugar da aliança de Deus com os seres humanos e com toda a criação. (DOCUMENTO DE APARECIDA, 2008, nº 125, p. 68)

Torna-se, portanto, uma constante à preocupação da comunidade dos cristãos e, principalmente, dos leigosobre o tema da vida no planeta. A visão eclesial não se deverestringir somente aos dogmas ou a relação da fé do seu povo, pois, se assim o fizer, seria beirada a visão de um pré-gnosticismo, em que só a alma era importante por se tratar de uma realidade eterna e o desprezo da matéria. Contudo, aclara-se que é função moral da Igreja velar para que seus filhos façam bom uso da natureza, preservando a vida existente e, conseqüentemente, a vida própria.

Contudo, aclama-se que é função moral da Igreja velar para que seus filhos façam o bom uso da natureza, bem como dos meios que a tecnologia, a cada dia mais avançada, oferece. Tal iniciativa tem o propósito de preservar a vida existente e a vida própria.

A Igreja jamais adulou o progresso, mas precisa-se entender que a busca por “tecnologias perigosas”, com uma finalidade que atente contra outros seres, foge da lógica cristã, ética e moral. Os acidentes existem, entretanto, a prudência deve ser sempre respeitada, principalmente, no que tange aos recursos atômicos, radioativos e nucleares.

Ainda sobre o tempo, estende a inteligência humana o seu domínio:

Quanto ao passado, graças ao conhecimento histórico; relativamente ao futuro, com a prospectiva e a planificação. Os progressos das ciências biológicas, psicológicas e sociais não só ajudam o homem a conhecer-se melhor, mas ainda lhe permitem exercer, por meios técnicos, uma influência directa na vida das sociedades. Ao mesmo tempo, a humanidade preocupa-se cada vez mais com prever e ordenar o seu aumento demográfico. (GAUDIUM ET SPES, nº 5, p. 16)

Ao tratar da salvaguarda da vida humana, o pensamento dos prelados desloca-se para uma triste realidade existente no mundo pós-moderno: a realidade do uso dependente e desregrado das tecnologias. Segundo o Papa Francisco, “mas o problema fundamental é outro e ainda mais profundo: o modo como realmente a humanidade assumiu a tecnologia e o seu desenvolvimento juntamente com um paradigma homogêneo e unidimensional.” (LAUDATO SI, nº 106, 2015, p. 82).

Em outros termos, a chamada de atenção e a denúncia do Papa estão muito claras em relação ao modo com o qual se assumiu a tecnologia. Não está longe do homem perceber o quanto a medicina, a indústria de fármacos ou o campo da segurança se desenvolveu com a tecnologia. A isto, precisa-se dar um valor considerável, porém, sabe-se quanto alguns feitos foram danosos à vida humana, ou melhor, a partir do momento em que o homem supervalorizou a ciência mais do que deveria, a ação foi prejudicial às centenas de vidas humanas.

O caso das bombas atômicas no Japão, em agosto de 1945, evidencia uma das provas do uso indevido e inconsequente da tecnologia para destruir e acabar com a vida humana, favorecendo, assim uma visão de poder totalitarista e egoísta. Quanto a isto, salientou o teólogo Romano Guardini (2007): “O homem moderno não foi educado para o reto uso do poder”.

4 O HOMEM COMO PRINCÍPIO DE INTEGRALIDADE

Nesse ponto, encontra-se o maior desafio do nosso tempo: a promoção de uma visão bilateral que favoreça a todos e que se reforcem os laços da garantia de direitos a todos os homens e mulheres, independentemente, de suas origens, cor, crenças, ou grupo social. Todos, portanto, são chamados à abertura a uma “cultura do encontro”.

Grandes discrepâncias surgem entre as raças e os diversos grupos sociais; entre as nações ricas, as menos prósperas e as pobres; finalmente, entre as instituições internacionais, nascidas do desejo de paz que os povos têm, e a ambição de propagar a própria ideologia ou os egoísmos coletivos existentes nas nações e em outros grupos. Daqui nascem desconfianças e inimizades mútuas, conflitos e desgraças, das quais o homem é simultaneamente causa e vítima. (GAUDIUM ET SPES, nº 8, 1997, p. 22)

Observa-se a voz profética do magistério ao apontar dois termos ainda não tratados: o homem é “causa e vítima” das desgraças, dos conflitos e, conseqüentemente, das incertezas. Por isso, nota-se uma humanidade refém dos diversos meios dos quais se submetem e vida e o trato com os demais. Há uma grave crise do olhar imediatista das coisas quando, na verdade, o dever era o de se preocupar com a coletividade.

A Igreja muito tem falado sobre o “Dom da Sinodalidade”, entretanto, o mundo fechou os ouvidos e o coração para não ouvi-la e, se a ouve, a ela não dá importância para atender seus ensinamentos. Os corações humanos voltaram ao Egito de Moisés, mas, desta vez, estão “com o coração duro”, do lado do Faraó (Êxodo 4, 21).

O objetivo não é debruçar-se sobre a teologia bíblica, porém, observa-se nesta uma das melhores definições do homem. O texto acima cita a dureza do coração faraônico que estava empretecido contra o povo e, além disso, é possível se encontrar diante de um texto que se repete hoje. O Faraó endureceu seu coração porque estava fechado egoisticamente nos seus próprios interesses e nos de sua família. Indiferentemente ao povo, o escravizava e, ainda pior, sentia também inveja porque este estava mais numeroso e temia não conseguir controlá-lo (Êxodo, capítulo 1).

A atualidade demonstra o indiferentismo religioso, político e social – entretanto, o pior deles é a indiferença contra as necessidades do povo. A ecologia integral, assim, significa dar meios de sobrevivência aos que estão sem chão, sem teto, sem abrigo e sem campos.

Se por algum tempo foi esta a visão da sociedade, hoje, a Igreja salienta quanto ao papel do homem que deve ir à busca dos menos favorecidos e a estes não subjuga os pobres

ou marginalizados. Todavia, há uma classe ainda mais desprezada ou esquecida por não produzirem o que se espera. Dessa forma, o homem torna-se parceiro da exclusão quando não se abre para o outro ou quando “ao invés de construirmos pontes que unem, construímos muros que separam” (PAPA FRANCISCO, 2014).

Nisso, se manifesta a crise social do homem moderno, a falta de abertura ao improdutivo, ao pouco produtivo ou ao diferente e a falta de diálogo que, de forma geral, são fatores que não surpreendem ao homem se este destruir seu *habitat*. A humanidade que é capaz de relativizar seus semelhantes jamais achará beneplácito em favorecer outras espécies se não for para seu próprio lucro e proveito.

É como se o sujeito tivesse à sua frente a realidade informe totalmente disponível para a manipulação. Sempre se verificou a intervenção do ser humano sobre a natureza, mas durante muito tempo teve a característica de acompanhar, secundar as possibilidades oferecidas pelas próprias coisas; tratava-se de receber o que a realidade natural por si permitia, como que estendendo a mão. Mas, agora, o que interessa é extrair o máximo possível das coisas por imposição da mão humana, que tende a ignorar ou esquecer a realidade própria do que tem à sua frente. Por isso, o ser humano e as coisas deixaram de se dar amigavelmente a mão, tornando-se contendentes. (LAUDATO SI, nº 106, 2015, p. 87)

A vida da sociedade, para alguns, não pode ser pensada sem uma relação dependente de tecnologias, sejam elas qual forem, ainda que, para “salvar seu direito tecnológico”, tenha que se esgotar algum recurso ambiental comum. Tal ato pode ser considerado como um delito, um pecado moral, uma degradação da lei divina escrita no coração do homem que o leva a cuidar menos de seu ambiente.

Outro ponto que merece determinada reflexão é a degradação das relações interpessoais. Ao optar por uma relação tecnológica exacerbada, corre-se o risco de ocasionar uma busca ilusória de uma vivência na “comunidade *online*”, ou cibernética, como se estas pudessem substituir, ou pior ainda, suprimir as relações dos outros.

À vista disso, clama-se aos céus para que estes meios sejam o quanto antes examinados e que os formadores de opinião estimulem a outros a interação interpessoal. Ou seja, uma relação autenticamente sentida por meio do toque físico, mas, sobretudo, o toque na realidade do outro e do meio de vida inerente a estes. Nesse contexto, uma pessoa que não está aberta à realidade do outro, facilmente, pode cair em uma relação de antropocentrismo desordenado que, por sua vez, gera um relativismo social que serve mais para desumanizar do que o contrário.

Um antropocentrismo desordenado gera um estilo de vida desordenado. Quando o ser humano se coloca no centro, acaba por dar prioridade absoluta aos seus interesses contingentes, e tudo o mais se torna relativo. Por isso, não deveria surpreender que, juntamente com a onnipresença do paradigma tecnocrático e a adoração do poder humano sem limites, se desenvolva nos indivíduos este relativismo no qual tudo o que não serve os próprios interesses imediatos se torna irrelevante. (Francisco LAUDATO SI, 2015, nº 122, p. 99-100)

Sendo assim, antes de se pensar sobre uma ecologia integral, torna-se necessário pensar sobre uma integralidade de valores, e não uma igualdade, pois esta também seria um erro destruidor. Ao olhar um jardim de flores, percebe-se que o encantador é ter naquele espaço diversos tipos de flores, folhagens e, quem sabe, frutos. Isto também acontece com o ser humano, homens e mulheres diferentes entre si, mas unidos para integrar uma realidade comum que, neste caso, pode ser entendida pela casa comum, ou seja, o lugar em que se habita; o planeta terra.

Evidentemente, a modificação de alguns termos na sociedade ainda deve ser discutida e outros, por sua vez, adotados com sincera responsabilidade por parte de todos, como é o caso da ecologia integral.

O homem não pode pensar sobre a ecologia sem, automaticamente, pensar sobre uma integração entre a vida humana e o seu meio de sobrevivência. Ademais, não se pode pensar sobre a integralidade se não pensar sobre um respeito entre os habitantes, pois não há integralidade se não houver respeito e interação com as necessidades dos demais.

É fundamental buscar soluções integrais que considerem as interações dos sistemas naturais entre si e com os sistemas sociais. Não há duas crises separadas: uma ambiental e outra social; mas uma única e complexa crise sócio-ambiental. As directrizes para a solução requerem uma abordagem integral para combater a pobreza, devolver a dignidade aos excluídos e, simultaneamente, cuidar da natureza. (Francisco, LAUDATO SI, 2015, nº 139, p. 116)

Ao pensar sobre uma integralidade, precisa-se olhar para os diversos aspectos da vida e convergir para uma completude do fato. Isto é, um olhar holístico da realidade, que, por sua vez, faz com que o homem abrace a todos os campos.

Evidentemente, a modificação de alguns termos na sociedade ainda deve ser discutida. Outros, por sua vez, adotados com sincera responsabilidade por parte de todos, como é o caso

da ecologia integral. Os termos precisam ser precisos, uma vez que uma ecologia integral é diversa de uma ecoteologia¹.

Ao falar em uma ecologia sem exploração, fere-se a ordem dada no paraíso de dominação e cuidado da terra a qual o próprio Deus deu ao homem. A questão principal não é a de não dominar, mas de haver um domínio responsável, respeitando a terra como casa do homem e lugar da ação criadora de Deus.

Isto não significa igualar todos os seres vivos e tirar ao ser humano aquele seu valor peculiar que, simultaneamente, implica uma tremenda responsabilidade. Também não requer uma divinização da terra, que nos privaria da nossa vocação de colaborar com ela e proteger a sua fragilidade. Estas concepções acabariam por criar novos desequilíbrios, na tentativa de fugir da realidade que nos interpela. Às vezes nota-se a obsessão de negar qualquer preeminência à pessoa humana, conduzindo-se uma luta em prol das outras espécies que não se vê na hora de defender igual dignidade entre os seres humanos. (PAPA JOÃO PAULO II, n° 90, 1990, p. 74)

Da mesma forma, precisa-se caminhar para uma atitude crescente de conscientização e de valorização do ecossistema e da fauna e flora locais. A vida no planeta é uma preocupação, contudo, há uma hipócrita discussão acerca da preocupação com os oceanos, as geleiras e a floresta amazônica. Paralelamente, são cortadas árvores urbanas e o esgoto, em alguns casos, é direcionado a canais sem o devido tratamento. Tais atos contribuem com a permissão, mesmo que de forma indireta, para que futuras gerações comunguem de atos de depredação do habitat de animais que enfeitam nossos quintais e praças.

Não é salutar habituarmos-nos ao mal; faz-nos mal permitir que nos anestesiemos a consciência social, enquanto um rasto de delapidação, inclusive de morte, por toda a nossa região, coloca em perigo a vida de milhões de pessoas, em especial do habitat dos camponeses e indígenas. Os casos de injustiça e crueldade verificados na Amazônia, ainda durante no século, estes deveriam gerar uma profunda repulsa e ao mesmo tempo tornar-nos mais sensíveis para também reconhecer formas atuais de exploração humana, violência e morte. (PAPA FRANCISCO, 2020, p. 15)

Quando não se olha para a integralidade, vê-se o desrespeito e a ação divina do Criador que dá vida ao homem desde o Jardim do Éden. Foi o sopro de Deus que tudo criou;

¹ Uma das principais características de uma teologia ecológica é o diálogo com a cosmologia, formando, assim, uma visão semelhante ao Panteísmo. Nisto, o cuidado é enfatizado por alguns teólogos com o Professor Leonardo Boff como característica desta teologia ecológica: “O que caracteriza esta nova cosmologia é o cuidado no lugar da dominação; o reconhecimento do valor intrínseco de cada ser, (...) o respeito por toda a vida, os direitos e a dignidade da natureza, e não sua exploração” (BOFF, 2016, p. 27).

O “*Ruáh*” é lançado ainda hoje sobre a criação com o intuito de fazer com que o conservar, contudo, agora se dá não mais pelo sopro de Deus, mas sim, pelo trabalho do homem.

Bento XVI dizia que existe uma «ecologia do homem», porque «também o homem possui uma natureza, que deve respeitar e não pode manipular como lhe apetece». Nesta linha, é preciso reconhecer que o nosso corpo nos põe em relação direta com o meio ambiente e com os outros seres vivos. A aceitação do próprio corpo como dom de Deus é necessária para acolher e aceitar o mundo inteiro como dom do Pai e casa comum; pelo contrário, uma lógica de domínio sobre o próprio corpo transforma-se numa lógica, por vezes subtil, de domínio sobre a criação. Aprender a aceitar o próprio corpo, a cuidar dele e a respeitar os seus significados é essencial para uma verdadeira ecologia humana. (L’OBSERVATORE ROMANO, 2005).

A estes atos precisa-se gerar determinada indagação como Moisés no deserto, ou como Jesus no templo de Jerusalém, a fim de que os homens voltem seus esforços à preservação da vida e à história da casa que a todos foi dada como maior expressão do carinho de Deus para com o homem. “Cada um de nós é o fruto de um pensamento de Deus. Cada um de nós é querido, cada um de nós é amado, cada um é necessário” (L’OBSERVATORE ROMANO, 2005.)

5 CONCLUSÃO

No tema da teologia moral para uma ecologia integral, há muitos outros a serem tratados. A conscientização da vida humana é ponto chave para uma melhor compreensão deste assunto. Por exemplo, a dignidade de povos nativos que, atualmente, detém grande parte de suas regiões em mãos de grileiros e agricultores que se apossam destas áreas para o desmatamento e cultivo irresponsável. Em tudo isso, é visto a triste realidade nacional que se torna cada vez mais presente em muitos outros países do mundo.

Ao falar da casa comum, os olhos e o coração da Igreja se voltam para todas as nações que passam, passarão e, até mesmo, aquelas já foram atingidas pela crise do descaso ecológico e depredatório. Em sentido figurado, os olhos sangram ao perceber as águas do velho Rio Ganges, um rio grandioso, com uma diversidade enorme de vida aquática, com dezenas de espécies de peixes, muitas delas habitando somente essas águas. Entretanto, infelizmente, este se tornou um dos cinco afluentes mais poluídos do mundo, com um teor de coliformes fecais cemvezes maior do que o permitido pela OMS.

Neste cenário, é precisopensar em uma intervenção que possibilite não só uma despoluição para uso fruto da população, mas também de uma ação que conscientize as civilizações quanto ao cuidado que gera vida. O ser humano detém de consciência acerca de onde a vida é gerada, lugar em que Deus está e faz sua morada.

O venerável Bispo norte-americano Fulton Sheen jápropôs sobre a encarnação a belíssima expressão Deus que se encarna em nosso ambiente:

Não entrando em um armário, mas indo para um estábulo e um berço... essa é a diferença para o Super-Homem -fraqueza e poder. E outra diferença é que o Super-Homem, quando vem à nossa terra para fazer suas maravilhas, toca apenas no meio ambiente. Ele toca no que está fora do homem. (CHURCHPOP, 2019.)

A encarnação, ou seja, a vinda de Deus à terra, assume sua admiração pela obra criadora do Pai e, ainda, o faz partícipe da missão de zelar para que este seja o lugar da manifestação sempre presente das mãos criadoras e generosas do Senhor Deus. A ecologia é para nós fonte de beleza e de inspiração, pois nela o Belo se deixa tocar através das mínimas coisas, fazendo assim com que tudo seja transformado a partir de nossa mudança em relação ao modo como vemos e cuidamos daquilo que é sensível.

Ao tocarmos a realidade ecológica presente, torna-se impossível sermos indiferentes a tamanho esplendor, desde que coloquemos nossos esforços em formar uma ecologia que

favoreça as próximas gerações, e abrindo aos homens um caminho de integralidade e responsabilidade.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA. Português. **BÍBLIA DE JERUSALÉM**. 6ª ed. São Paulo: Paulus, 2010.

CHURCHPOP. **Fulton Sheen: Como a pequenez de Jesus no Natal é mais poderosa que o Super-Homem**. Disponível em: <<https://pt.churchpop.com/fulton-sheen-como-a-pequenez-de-jesus-no-natal-e-mais-poderosa-que-o-super-homem/>> Acesso em 20 jul 2021.

CNBB. **Catecismo da Igreja Católica**. 9 ed. Edições Loyola: São Paulo, 1999.

COMPAGNONI, Francesco. **Dicionário da Teologia Moral**. São Paulo: Paulus, 1998.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO AMERICANO. **Documento de Aparecida**. 5º ed. São Paulo: Editora Paulus.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO AMERICANO. **Documento de Aparecida: Texto conclusivo da IV Conferência Geral do Episcopado Latino Americano e do Caribe**. 2ª ed. São Paulo: Editora Paulus, 2007.

CONSTITUIÇÃO DOGMÁTICA GAUDIUM ET SPES. **Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II**. São Paulo: Paulus, 1997.

CONSTITUIÇÃO DOGMÁTICA LUMEN GENTIUM. **Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II**. São Paulo: Paulus, 1997.

FRANCISCO, Papa. **Carta Encíclica *Laudato Si***. São Paulo: Paulus, 2015.

FRANCISCO, Papa. **Querida Amazônia: Exortação Apostólica Pós-sinodal do Santo Padre Francisco sobre a Amazônia**. São Paulo: Edições Loyola, 2020.

GAUDIUM ET SPES. **Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II**. São Paulo: Editora Paulus, 1997.

JOÃO PAULO II, Papa. **Carta Encíclica *Centesimus Annus***. São Paulo: Paulus, 1991.

L'OBSERVATORE ROMANO. **Homilia de Bento**. Jornal do Vaticano, 2005.